

A métrica rítmica em Rosalía

Domingo Prieto Alonso

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

PRIETO ALONSO, DOMINGO (2012 [1986]). “A métrica rítmica em Rosalía”.
En *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (II). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 383-400. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1970>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

PRIETO ALONSO, DOMINGO (1986). “A métrica rítmica em Rosalía”. En *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (II). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 383-400.

* Edición dispoñíbel desde o 30 de marzo de 2012 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

A MÉTRICA RÍTMICA EM ROSALÍA

DOMINGO PRIETO ALONSO

Groningen Universiteit

Ai dos que levan na frente unha estrela;
ai dos que levan no bico un cantar.

(Curros Enríquez)

Estes versos da cantiga que Curros dedicou a Rosalía (“a musa dos povos” e “a pobre da tola” como lle chama carinhosa e poeticamente) com motivo do traslado dos seus restos mortais a Santiagó descrevem, melhor que qualquer discurso, o signo que presidiu a vida e a morte da poetisa.

E significativo que Curros, outro grande mestre da métrica rítmica, escolhera a métrica da muinheira para compor esta poesía:

Do mar pola orela mireina pasar
na frente unha estrela, no bico un cantar,
e vin-na tan sola, na noite sin fin,
que inda recei pola pobre da tola,
eu que non teño quen rece por min.
A Musa dos pobos que vin pasar eu
comesta dos lobos. comesta morreu
os osos son dela que vades gardar
Ai dos que levan na frente unha estrela;
ai dos que levan no bico un cantar.

A métrica rítmica é deste jeito reconhecida polo poeta de Ourense como um dos elementos formais mais importantes da poética rosaliana.

A métrica rítmica, a métrica por exceléncia da muinheira, que tanta influência exercera nas literaturas de tradiçom oral e escrita de toda a Península, nom podia ficar ausente na poesía dum dos poetas que melhor se identificou co povo galego, e que melhor soupo captar os elementos da tradiçom poética popular.

Nos estudos sobre a métrica de Rosalía, aparecen geralmente classificadas como muinheiras as poesias seguintes dos *Cantares Ga(l)legos*: I, XXVII, XXIX, XXXI.

A estas poesias rítmicas podemos engadir muitas outras desta mesma autora, entre elas as seguintes: a) CG: V, VII, XIV, XXXIV; b) FN: *Cada noite eu chorando pensaba; Por qué, miña almiña; a Xusticia pola man; Baixaron os ánxeles.*

Por outra parte, como tamén tém observado outros autores, a métrica rítmica alterna às vezes ca métrica arrítmica no interior de unha estrofa.

1. Propriedades da métrica rítmica

A métrica rítmica, da que se deriva a métrica da muinheira, presenta as propriedades seguintes:

- (1) a. número regular ou irregular de sílabas.
- b. divisom possível em hemistíquios.
- c. princípio das categorias facultativas.
- d. princípio das sílabas extra-métricas.
- e. ritmo de tipo ascendente.
- f. repetiçom de um mesmo tipo de pé.

1.1. Número regular ou irregular de sílabas

A poesia composta em métrica rítmica, apresenta geralmente um número irregular de sílabas, como ilustra a muinheira popular seguinte:

- (2) a. Fun, fun,
- b. fun e petei-che na porta
- c. non me quixeches abrire.

Porém o número irregular de sílabas nom é umha condiçom necessária para este tipo de métrica, como ilustram as numerosas composiçoms isosilábicas compostas em métrica rítmica, como a cantiga XXXI dos CG de Rosalia. Por esta razom, a denominaçom de *métrica irregular* (referindo-se ao número de sílabas) para a métrica rítmica nom é correcta.

1.2. Divisom possível em hemistíquios

Outra das propiedades da métrica rítmica é a de possuir versos que se deixam segmentar em hemistíquios. Neste caso os dous hemistíquios do verso estão separados por umha *cesura* ou pausa, assi como por um número variável de sílabas extramétricas (de 1 a 3). Exemplo de versos de dous hemistíquios é o seguinte: (onde / indica a fronteira entre hemistíquios):

- (3) Ai dos que levan / na frente umha estrela

1.3. Princípio das categorias facultativas

Um dos princípios responsáveis da irregularidade silábica é o princípio das categorias facultativas segundo o qual as categorias fracas iniciais de verso e certas categorias iniciais de hemistíquio som facultativas. Este princípio, aplicado ao nível da sílaba, é responsável da presença de pés incompletos iniciais de hemistíquio. Este princípio é mais formalmente expressado em termos de regras de reescritura que serán formuladas proximamente, e explica a coexistência de versos com hemistíquios do tipo seguinte: (onde W indica sílaba fraca e S sílaba forte):

- (4) a. W W S W W S
 b. W S W W S
 c. S W W S
 d. W W S
 e. W S
 f. S

1.4. Princípio das sílabas extra-métricas

Outro dos princípios responsáveis da irregularidade silábica é o relativo às sílabas extra-métricas, segundo o qual as sílabas fracas que seguem a última sílaba acentuada de cada hemistíquio som extra-métricas. Em geral este princípio tem-se aplicado apenas às sílabas fracas que seguem a última sílaba acentuada do verso (cfr. Piera 1978), mais tratando-se da métrica rítmica, deve estender-se aos hemistíquios. Segundo este princípio, os três hemistíquios seguintes som metricamente idênticos:

- (5) a. W W S W W S W W
 b. W W S W W S W
 c. W W S W W S

Formulado mais propriamente, este princípio quer dizer que, *matatis mutandis*, a natureza dumha palavra esdrújula, grave ou aguda em posição final de hemistíquio nom influe nas características métricas deste hemistíquio, polo que a representação adequada de (5) reduz-se a (5c).

1.5. Ritmo de tipo ascendente

Como já demostramos noutros trabalhos, (Prieto 1984), o ritmo próprio do galego só pode ser *ascendente* (jâmbico (= WS) ou anapéstico (= WWS)) como consequência lógica dos dous princípios precedentes, o princípio das categorias facultativas, e o princípio das sílabas extra-métricas.

Por outra parte, dado este tipo de ritmo, a escansom da poesia galega há de fazer-se da direita cara a esquerda começando pola última sílaba acentuada do hemistíquio.

1.6. Repetição de um mesmo tipo de pé ao longo do hemistíquio.

Crucial para a definição de unidade de base ou *pé* é o tipo de sequências de sílabas fracas que intervêm entre duas sílabas fortes: sequências mono-silábicas e sequências bissilábicas. Podemos definir assi duas modalidades rítmicas diferentes: a) ritmo com sequências mono-silábicas de sílabas fracas entre duas sílabas fortes; b) ritmo com sequências bissilábicas de sílabas fracas entre duas sílabas fortes. Tratando-se do ritmo ascendente, o primeiro corresponde ao jâmbico, e o segundo ao anapéstico.

A métrica rítmica galega caracteriza-se pois pola repetiçom de pés jámbicos ou anapésticos no interior de um mesmo hemistíquio.

Dado o princípio das categorías iniciais facultativas, o primeiro pé de cada hemistíquio pode figurar como incompleto (= WS para o ritmo anapéstico, e S para o ritmo jámbico e anapéstico).

2. A métrica rítmica e as teorias métricas modernas

A estrutura métrica rítmica pode ser adequadamente representada segundo as teorias métricas modernas (Lieberman & Prince 1977, Kiparsky 1977, Piera 1978), cuja hipótese principal é que a estrutura métrica presenta umha organizaçom hierárquica que pode ser representada em forma de árvore métrica.

Mais concretamente, segundo esta teoria, as unidades de cada nivel organizam-se em pares segundo umha relaçom métrica dada (*forte* = *s*; *fraca* = *w*) que no caso do galego é sempre *w/s*. Cada par passa a fazer parte doutro par de nivel superior, e assi sucessivamente até atingir a unidade máxima.

2.1. Representaçom da métrica rítmica em forma de árvore métrica

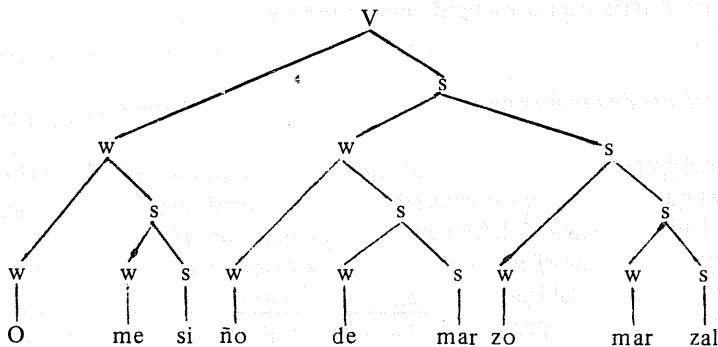
Dados os princípios de (1), assi como a teoria métrica acima exposta, podemos representar os versos construídos em métrica rítmica em forma de árvore métrica seguindo os passos seguintes:

- (6) a. marcar as sílabas metricamente fortes e fracas com *s* e *w* respectivamente.
- b. organizar as unidades de cada nivel em pares, começando pola direita, e marca-los metricamente segundo a relaçom *w/s*.
- c. cada seqüência *ws*, *s* forma um constituinte.

Segundo (6), o verso (7) pode ser representado baixo a forma de (8):

(7) O mesño de marzo marzal

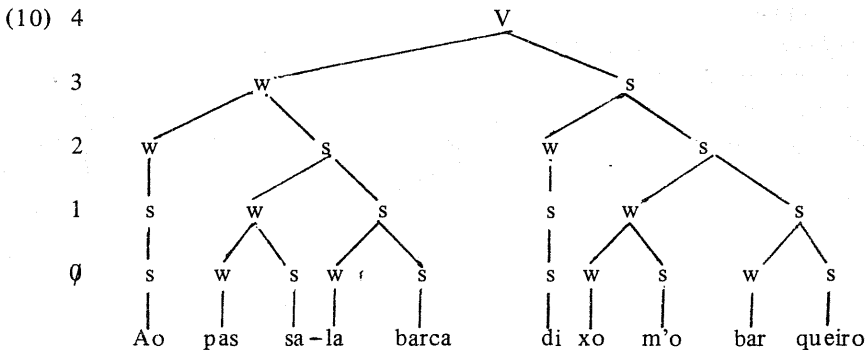
(8)



O verso de (7) compom-se de um super-hemistíquio (1) (resultado da reduçom de dous hemistíquios) com pés anapésticos (resultado da reduçom de dous pés jámbicos). Contodo, hai outros versos da métrica rítmica, com dous hemistíquios e/ou com pés jámbicos, como o seguinte:

(9) Ao passa'la barca dixom'o barqueiro

que pode ser representado em forma de árvore métrica como segue:



Em (10) podemos reconhecer facilmente vários níveis que correspondem às diferentes categorias métricas. Assi o nível \emptyset é o das sílabas, o nível 1 é o dos Pés, o nível 2 é o dos Metros (M), o nível 3 é o dos Hemistíquios (H), e o nível 4 é o do Verso (V).

Podemos gerar a estrutura de (9) por meio de um conjunto de regras de reescritura como segue:

- (11) a. $V \rightarrow (Hw) Hs$
 b. $H \rightarrow (Mw) Ms$
 c. $M \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} (Pw) Ps / (H\text{---} \dots)H \\ (Pw) Ps / (H\dots \text{---}\dots)H \end{array} \right\}$
 d. $P \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} (\$w) \$s / (H\text{---} \dots)H \\ (\$w) \$s / (H\dots \text{---}\dots)H \end{array} \right\}$

Consideramos que os versos do tipo de (9), gerados por meio das regras de (11), representam a estrutura métrica de base, mentres que os versos do tipo de (8) representam a estrutura transformada, que pode ser gerada a partir da estrutura de base por meio de umha regra de transformaçom que podemos formular como segue:

(12) $Xs \rightarrow \emptyset / (Yw \dots \text{---})Yw$

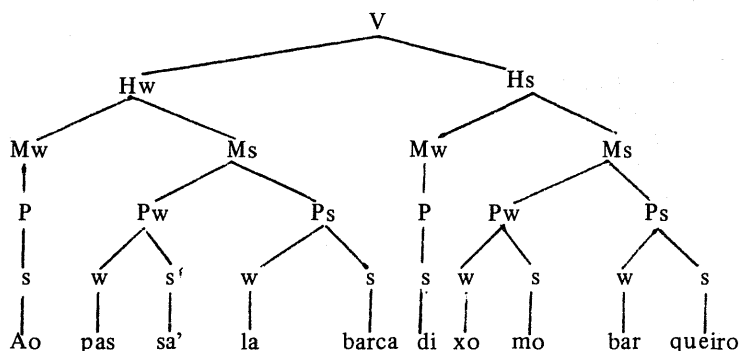
Segundo (12), umha categoria marcada s (forte (= sílaba, pé, metro) pode ser elidida se está directamente dominada por umha categoria marcada w (fraca).

(1) O "super-hemistíquio" é a categoria intermédia entre o hemistíquio e o verso. A palavra "hemistíquio" nom sempre se emprega aqui no sentido etimológico, pois hai versos de um "hemistíquio".

A regra (12), aplicada ao nivel silábico, transforma unha estrutura jámbica numha estrutura anapéstica, e, aplicada ao nivel do Metro, transforma um verso de dous hemistíquios num verso de um super-hemistíquio. Polo tanto o verso de (8) pode ser gerado a partir da sua estrutura de base correspondente (representada por um verso jámbico de dous hemistíquios) por meio da regra (12).

Cas diferentes categorías, o verso (9) pode ser representado em forma de árvore métrica como segue:

(13)



Segundo a teoría que desenvolvemos em cima, podemos classificar os versos construídos em métrica rítmica como segue:

- (14) (i) a. Versos jámbicos
b. Versos anapésticos
- (ii) a. Versos de dous hemistíquios (tetrámetros, trímetros, bímetros)
b. Versos de um super-hemistíquio (tetrámetros)
c. Versos de um hemistíquio (bímetros, monómetros).

3. Análise da poesía rítmica de Rosalia

Nos estudos sobre a métrica de Rosalia aparecen geralmente clasificadas como muinheiras as poesias seguintes de *Cantares Gallegos (CG)*: I, XXVII, XXIX e XXI (Carballo Calero 1975: 177).

3.1. Cantiga I

A cantiga I é umha glosa da muinheira popular:

- (15) Has de cantar que ch'hei de dar zonchos;
has de cantar que ch'hei de dar moitos.

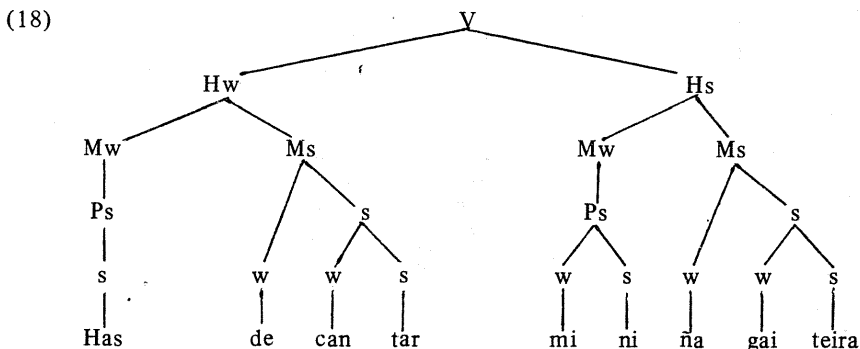
e aparece representada cos hemistíquios distribuídos em forma de verso (i.e.: cada hemistíquio numha linha diferente) (cfr. Carballo Calero (1977)):

- (16) Has de cantar
meñina gaiteira,
has de cantar
que me morro de pena.

A sua representación propia, como muiñeira, sería a seguinte:

- (17) Has de cantar miniña gaiteira,
has de cantar que me morro de pena.

Os seus versos están compostos de tetrametros anapésticos distribuídos en dous hemistíquios, alternando (segundo o cómputo franco-portugués que seguiremos desde agora, e excluindo as sílabas extra-métricas dos dous hemistíquios) eneassílabos, decassílabos e hendecassílabos. Como ilustración, o verso 1 pode ser representado em forma de árbore métrica como segue:



3.2. Cantiga XXVII

Esta cantiga dos CG é tamén unha muiñeira que figura distribuída como segue:

- (19) a. Qué ten o mozo?
b. Ay! qué tera?
c. Pomm'agora unha cara d'inverno
d. despois da fiada, sorrisos de tal!

.....

Esta cantiga está composta de versos de dous hemistíquios (a + b, d, etc.) e de versos de un super-hemistíquio (c, etc.). Os dous últimos hemistíquios de cada estrofa (assi como os dous primeiros versos das estrofas iniciais de sección) figuran representados en liñas diferentes. Como muiñeira, a distribución propia dos hemistíquios em versos é a seguinte:

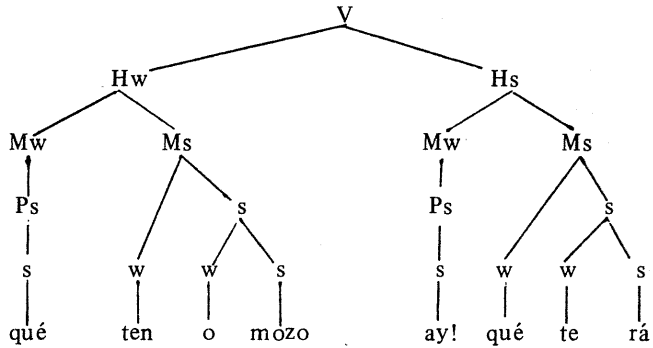
- (20) Qué ten o mozo, ay! qué tera?

.....

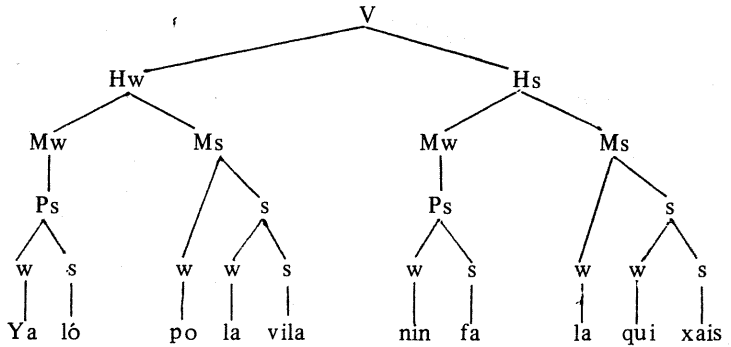
Os versos de dous hemistíquios som tetrametros anapésticos, mentres que os ver-

sof de um super-hemístiquio som trímetros anapésticos: octossílabos, eneassílabos e decassílabos, que podem ser representados respectivamente como segue:

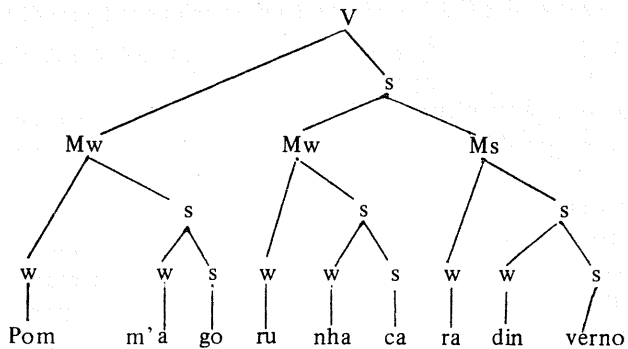
(21) a.



b.



c.



3.3. Cantiga XXIX

Como as anteriores, esta cantiga é umha muineira, composta de versos de dous

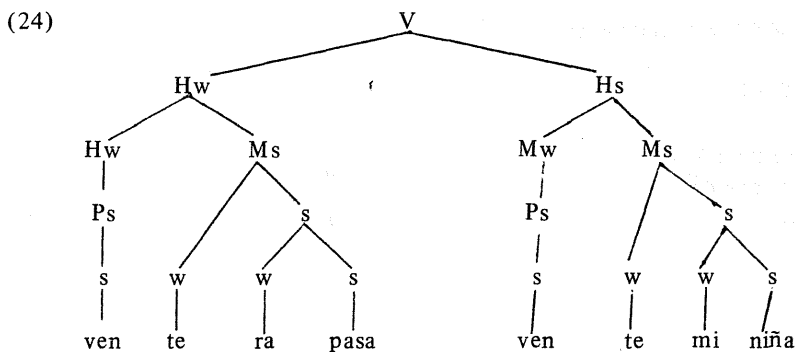
hemistíquios, tetrámetros, com um número variável de sílabas (2) (octossílabos, eneassílabos e decassílabos), cos hemistíquios distribuídos como segue:

- (22) Vente, rapasa,
 vente, miniña,
 vente a lavar
 no pilón da fontina.

Como muinheira que é, os seus hemistíquios devem ser distribuídos em versos como segue:

- (23) Vente rapasa, vente miniña,
 vente a lavar no pilón da fontina.

Como ilustraçom, o primeiro verso pode ser representado, em forma de árvore métrica, como (24):



3.4. Cantiga XXXI

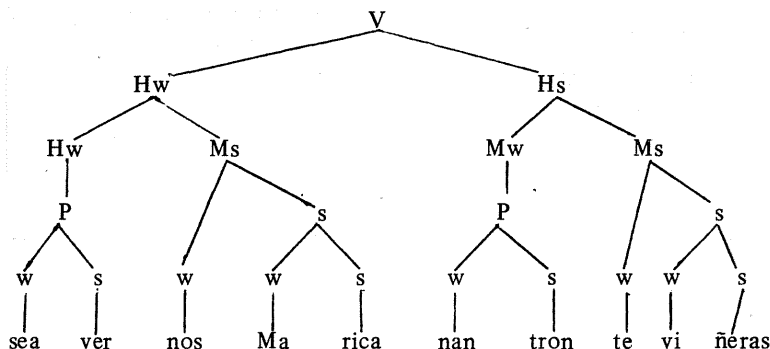
Esta cantiga é umha muinheira isossilábica (decassílabos) com versos de dous hemistíquios, tetrámetros anapésticos:

- (24) Si a vernos, Marica, nantronte, viñeras
 à festa do Seixo na beira do mar,
 ti riras, Marica, cal nunca te riches
 debaixo dos pinos do verde pinar.

A modo de ilustraçom, o primeiro verso pode ser representado, em forma de esquema arbóreo, como segue:

(2) O verso *Vente a lavar qu'é un primor criatura* é amétrico.

(25)



Como já dixemos antes, a métrica rítmica em Rosalia nom se limita às poesias analisadas em cima senom que se estende a outras poesias entre as que se topan as que analizamos a continuación.

3.5. Cantiga V

A cantiga V dos *Cantares Ga(l)legos* é tamén rítmica, como indica a primeira estrofa que segue a glosa:

- (26) –Costureiriña
 comprimenteira,
 sacha no campo,
 malla na eira,
 lava no río,
 vay apañar
 toxiños secos
 antr'o pinar.

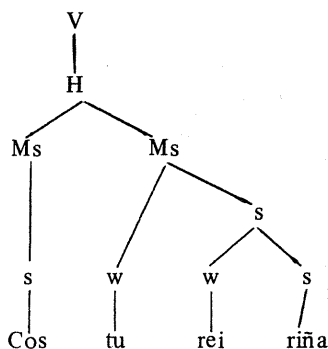
Porém, nom se trata propiamente de umha muinheira porque, por razóns extra-métricas, os hemistíquios nom podem ser distribuídos por pares em versos, como em (27)

- (27) a. –Costureiriña comprimenteira,
 b. sacha no campo, malla na eira,
 c. lava no río, vay apañar
 d. toxiños secos entr'o pinar.

porque no verso (27c) figuram dous hemistíquios opostos sintactica e semanticamente.

Podemos representar os seus versos en forma de árbore métrica, como segue:

(28)



3.6. *Cantar VII*

A cantiga VII é umha glosa da muinheira popular

(29) Fun ao moíño do meu compadre,
fun polo vento, vin polo aire.

Os seus hemistíquios aparecen distribuídos em linhas diferentes

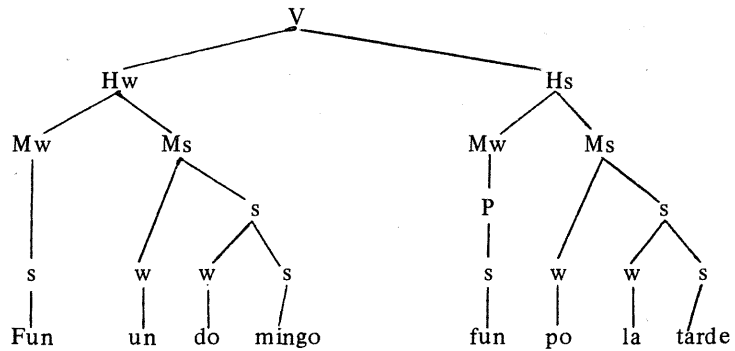
(30) Fun un domingo,
fun pola tarde,
co sol que baixa
tras dos pinares,
c'as nubes brancas
sombas dos ánxeles,
mundos extraños
qu'en rayos parten,
ricos tesouros
d'ouro e diamante.

Porén, tratando-se de umha muinheira, a sua representación própria sería a seguinte:

(31) Fun un domingo, fun pola tarde,
co sol que baixa tras dos pinares
c'as nubes brancas, sombas dos ánxeles,
mundos extraños qu'en rayos parten
ricos tesouros d'ouro e diamante.

Trata-se de versos de dous hemistíquios, tetrámetros isossilábicos (anapésticos) que podem ser representados em forma de árvore métrica, como segue:

(32)



3.7. *Cantiga XIV*

A cantiga XIV é tamém umha muinheira que aparece representada cos hemístiquios distribuidos en linhas diferentes:

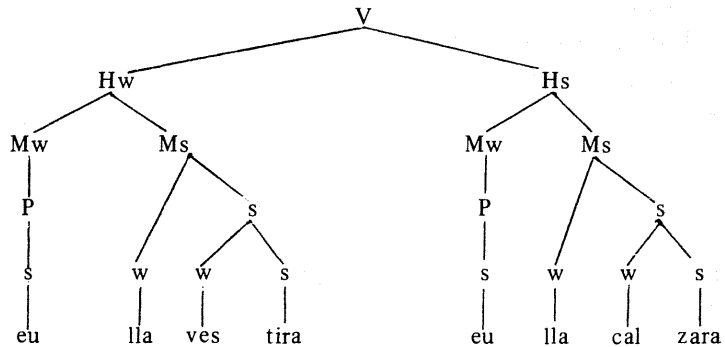
(33) Acolá enriba
na fresca montaña,
qu'alegre se crobe
de verde retama,
.....

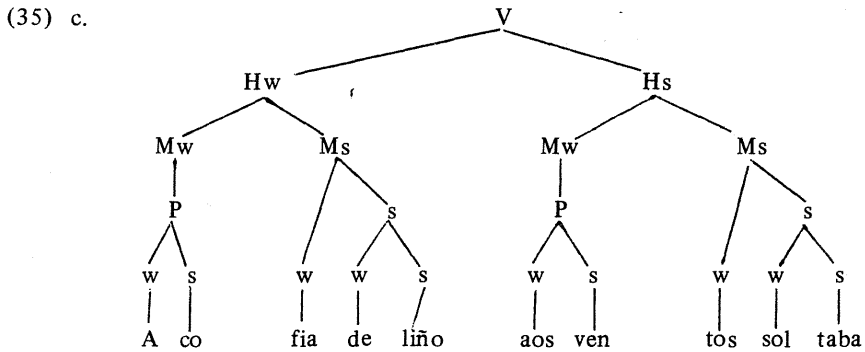
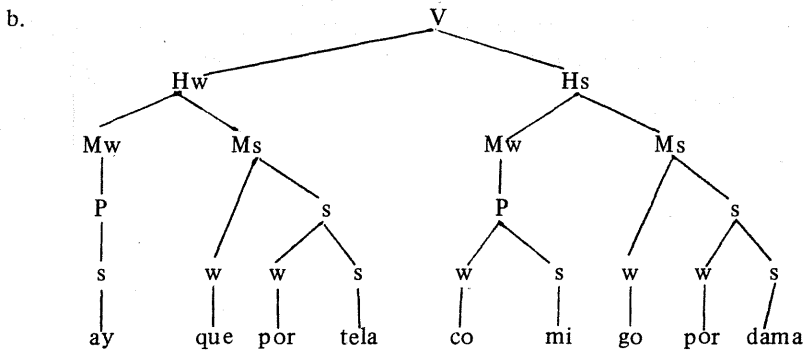
Como muinheira, a súa representación propia sería a seguinte:

(34) Acolá enriba na fresca montaña,
qu'alegre se crobe de verde retama,
.....

Trata-se, máis unha vez, de versos de dous hemístiquios, tetrámetros anapésticos non isossilábicos (octossílabos, eneassílabos, decassílabos), que poden ser representados como segue:

(35) a.





3.8. Cantiga XXXIV

A cantiga XXXIV dos CG é, como reza o título, umha ALBORADA, composta em métrica rítmica. A sua distribuição gráfica é mui original e corresponde, segundo as suas próprias palavras, ao desejo da autora de adaptá-la à música:

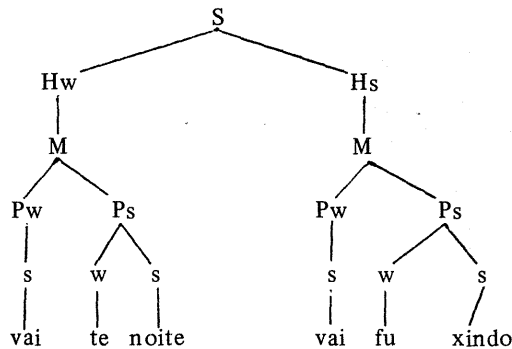
(36) Vaite noi-
 te- vai fuxin-
 do- vent'au-
 ra- vent'abrin-
 do- co teu ros-
 tro- que sorrin-
 do- a som bra espanta!!!

A sua distribuição própria em forma de verso seria a seguinte:

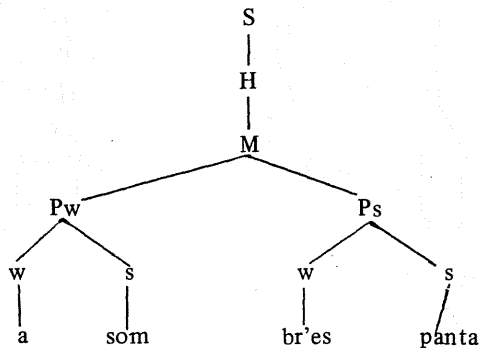
(37) Vai-te noite, vai fuxindo,
 ven-te aurora, ven-te abrindo
 co teu rostro que surrindo
 a sombra espanta.

Os seus versos estam compostos, quer de dous hemistíquios (bímetros jámbicos (heptasslabos)), quer de um hemistíquio (monómetros jámbicos (tetrasslabos)), que podem ser representados respectivamente como segue:

(38) a.



b.



Noutras poesias alternam seções construídas em métrica rítmica com seções compostas em métrica arrtmica. Entre estas poesias topam-se as que analisamos a continuaçom:

3.9. Na Catedral

Nesta poesia de *Folhas Novas*, alternam seções rítmicas com seções arrtmicas. Pertencem ao primeiro tipo as que começam polos versos *com'algun dia po-los corrunchos* e *cada noite eu chorando pensaba*.

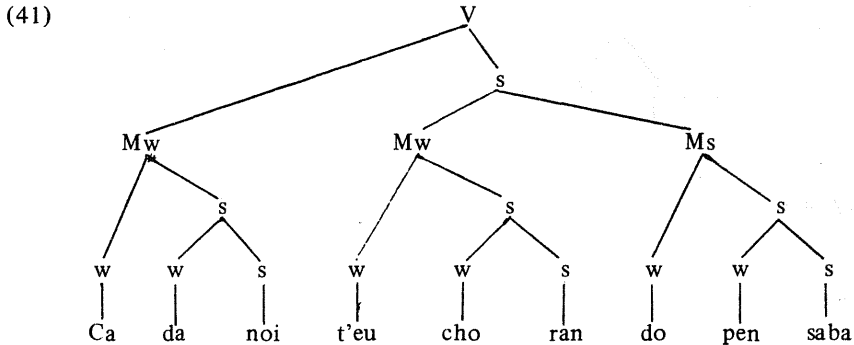
Aqui limitaremos a análise  seçom que começa pola estrofa seguinte:

- (39) a. Cada noite eu chorando pensaba...
 b. qu'esta noite tan grande non fora,
 c. que durase..., e durase entretanto
 d. qu'a noite das penas
 e. m'envolve loitosa.

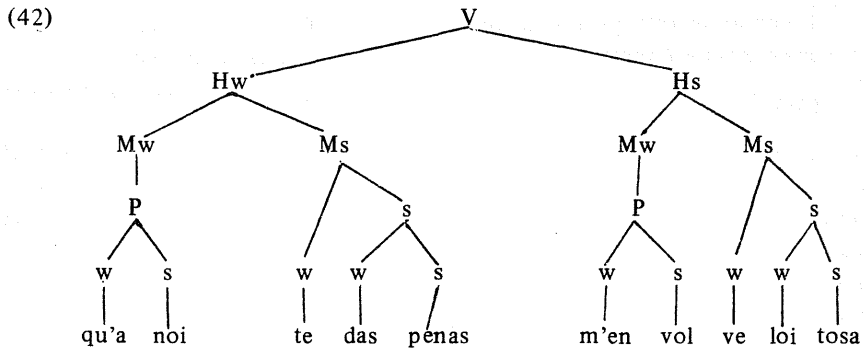
Em (39) as linhas d – e correspondem aos dous hemistíquios de um verso. Estes podem ser distribuídos máis propriamente como segue:

(40) qu'a noite das penas m'envolve loitosa.

Nesta estrofa, os três primeiros versos som super-hemistíquios anapésticos (trímetros), e podem ser representados metricamente como em (41):



O verso (40) é um tetrametro anapéstico (de dous hemistíquios) e pode ser representado como em (42):



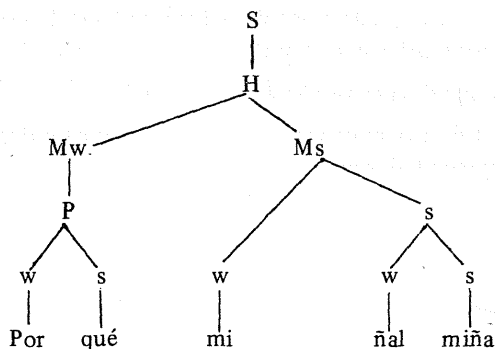
3.10. Por qué miña almiña

Em métrica rítmica está aínda composta a poesía de *Folhas Novas* que começa pola estrofa seguinte:

(43) Por qué, miña almiña,
por qué hora non queres
o que antes querías?

Esta estrofa compom-se de três versos e cada verso de um hemistíquio anapéstico (bímeter) que podemos representar metricamente como segue:

(44)



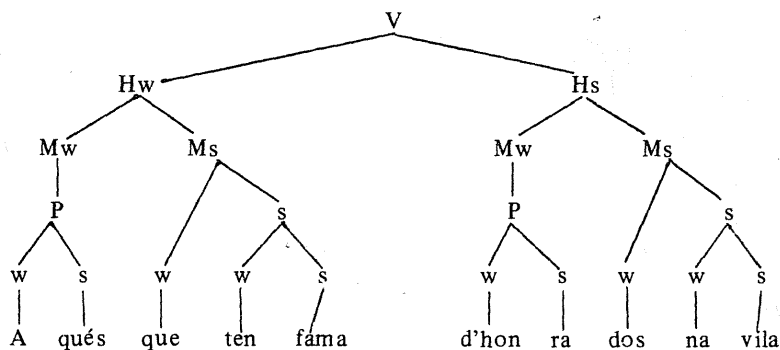
3.11. A xusticia pola man

A métrica rítmica fica aínda presente em A XUSTICIA POLA MAN de *Folhas Novas*, que começa pola estrofa seguinte:

- (45) Aqués que tén fama d'honrados na vila
 roubáronme tanta brancura qu'eu tiña,
 botáronme estrume nas galas dun día,
 a roupá de cote puñéronma en tiras.

· Compom-se esta poesía de versos de dous hemistíquios anapésticos (tetrametros) que podemos representar, em forma de árvore métrica, como segue:

(46)



3.12. Poesías mistas

Ademais das poesías rítmicas analizadas em cima, e doutras que nom analizamos aquí por falta de tempo, figuran em Rosalia outras poesías mistas com versos rítmicos e arrítmicos no interior de umha mesma estrofa, como ilustra a seguinte:

- (47) a. Umha vez tiven un cravo
 b. cravado no corazón,

- c. i eu non me acordo xa se era aquel cravo
- d. de ouro, de ferro ou de amor.

Os versos rítmicos (47c) (tetrámetro anapéstico de dous hemistíquios) e (47d) (super-hemistíquio anapéstico) contrastam cos versos arrítmicos (47a,b). Os versos rítmicos (47c) e (47d) presentan os esquemas métricos seguintes, respectivamente:

- (48) a. //S W W S / W S WW S//
- b. //S W W S W W S//

Outro exemplo de estrofa mista com versos rítmicos e arrítmicos é a seguinte:

- (49) a. Teño medo dunha cousa
- b. que vive e que non se ve
- c. Teño medo à desgrácia traidora
- d. que ven e que nunca se sabe ónde ven.

Nesta estrofa, os versos rítmicos (49c,d) contrastam cos versos arrítmicos (49a,b).

Os versos rítmicos presentan os esquemas métricos seguintes:

- (50) a. //W W S W W S W W S//
- b. //W S W W S / W S W W S//

(50a) corresponde ao verso (49c), mentres que (50b) corresponde ao verso (49d).

4. Resumo e conclusom

Nas linhas que seguem resumen-se alguns dos resultados principais obtidos neste artigo.

Em primeiro lugar, demostramos que a métrica rítmica (cuja característica principal consiste na repetiçom de um mesmo tipo de pé, jámbico ou anapéstico) pode ser adequadamente representada segundo as teorias métricas modernas cuja hipótese principal é que a estrutura métrica presenta umha organizaçom hierárquica que pode ser representada em forma de árvore métrica.

Em segundo lugar, como complementária da hipótese relativa à *representaçom* métrica, formulamos umha hipótese relativa à *derivaçom* de estruturas métricas que nos permite expressar adequadamente as relaçons entre os diferentes subtipos métricos.

Em terceiro lugar, demostramos que a métrica rítmica ocupa um lugar importante na poética rosaliana, métrica que analisamos aqui segundo as novas teorias métricas.

Finalmente, descrevemos os diferentes subtipos métricos rítmicos empregados em Rosalia: a) versos de dous hemistíquios (geralmente tetrámetros anapésticos); b) versos de um super-hemistíquio (trímetros anapésticos); c) versos de um hemistíquio (bímetros ou monómetros, anapésticos ou jámbicos).

Bibliografía

- Alonso Montero, X. (1972): *Rosalía de Castro*, Madrid.
- Braga, T. (1885): "Sobre a poesía popular da Galiza", em *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*. Tomo XII, vii-xiv. Madrid.
- Carballo Calero, R. (1975): *Historia da Literatura Galega Contemporánea*. Vigo.
- Chen, M.Y. (1979): "Metrical Structures: Evidence from Chinese poetry", *Linguistic Inquiry* 10: 371-420.
- García Martí, V. (1972): *Rosalía de Castro: Obras Completas*. Madrid.
- Henríquez Ureña, P. (1961): *Estudios de Versificación española*. Buenos Aires.
- Iglesia Alvariño, A. (1957): "Un elemento tradicional en la poesía moderna de Galicia. La estrofa popular de muiñeira", *La Noche* (25 de Julho). Santiago.
- Kiparky, P. (1977): "The rythmic structure of English Verse", *Linguistic Inquiry* 8, 189-247.
- Losada Castro, B. (1971): *Rosalía de Castro. Antología*.
- Lieberman, M. & A. Prince (1977): "On Stress and Linguistic Rythm", *Linguistic Inquiry* 8, 249-336.
- Nogales de Muñiz, M.A. (1966): *Irradiación de Rosalía de Castro. Palabra viva, tradicional y precursora*. Barcelona.
- Piera, C. (1978): *On 'Accentual-Syllabic' Metrics: The Spanish Hendecasyllable*. Manusc.
- Poullain, H.C. (1975): *Rosalía de Castro y su Obra Literaria*. Madrid.
- Prieto Alonso, D. (1984): "Estrutura Métrica da Muiñeira", *Grial* 84, 131-153.
- Tirell, M.P. (1951): *La Mística de la Saudade*. Madrid.
- Varela Jácome, B.: *Rosalía de Castro. Obra poética*. Barcelona.